

A comunicação científica: um caminho difícil de percorrer

Scientific communication: a hard road to travel

Essencialmente, a ciência busca conhecer os eventos da natureza e compreender seus fenômenos¹. A crítica do ambiente e dos fatos impulsiona o investigador a buscar conhecer algo mais profundamente, com pensamento científico, afastado do senso comum e de tradições. Assim, quando o homem pôde despir-se, mesmo que vagarosamente das suas crenças, deram-se os primeiros passos para a investigação, através de métodos sistemáticos e seguros da pesquisa científica.

A pesquisa percorre um longo caminho, no qual o pesquisador somente atinge o destino quando disseminar o produto do seu trabalho, ou seja, tornar conhecidos da comunidade científica os resultados encontrados, os avanços obtidos, as novas teorias ou o refinamento das existentes².

A comunicação científica vem se desenvolvendo há séculos, desde as civilizações antigas (600 a.C.) até os nossos dias, mas os primeiros sinais de sua organização foram percebidos nos séculos XIX e XX, com a filosofia³. Tem como base três pilares: a divulgação da pesquisa de pesquisador para pesquisador, o fluxo de informações entre editoras, bibliotecas, financiadores, agências de controle e de fomento e o compartilhamento do conhecimento com a sociedade⁴.

A ciência contemporânea, cada vez mais dinâmica, veloz e altamente produtora tem gerado um número incontável de informação e, também, muitos desafios para a comunidade científica, o que, inevitavelmente, nos leva a refletir sobre como estes pilares têm se sustentado diante desta nova perspectiva. O avanço tecnológico na comunicação tem facilitado, sem dúvida, as relações entre os pesquisadores, o fluxo de informações entre editores e o acesso a bases de dados, acervos e coleções de documentos eletrônicos de livre compartilhamento. O acesso às informações vem permitindo que os avanços sejam acompanhados e compartilhados praticamente de forma tempestiva, fornecendo dados comparativos bem como diretrizes para novas investigações.

Mas podemos dizer que estamos pesquisando de forma globalizada? Ou somos pequenas abelhas trabalhando em nossas colmeias? O quanto de toda a informação a que os pesquisadores têm acesso está norteando suas investigações?

Cada vez mais, diante da explosão bibliográfica e da rápida obsolescência das descobertas, formas de preservação e partilha de dados fiáveis produzidos no processo científico (big data), a colaboração entre os pesquisadores, unindo suas expertises e a interdisciplinaridade, movendo olhares distintos para um mesmo foco são comportamentos fundamentais para a ciência.

Produzir ciência, por sua vez, custa caro e pesquisadores precisam de financiamento, seja ele governamental, através de agências de fomento ou privado. E qual é a realidade brasileira no que se refere ao aporte financeiro à pesquisa? O que se tem observado é uma gangorra, ora recursos são disponibilizados, ora são escassos por circunstâncias associadas à economia do país ou a outros fatores subjacentes. Questionamentos, também, surgem em relação ao destino de verbas investidas e pesquisadores ficam sujeitos ao impacto deste descompasso.

Neste contexto, passam a redesenhar seus projetos, considerando os recursos disponíveis. Qual será o produto resultante destes ajustes? A pesquisa desenvolvida sofrerá prejuízo decorrente destas modificações? Dificilmente, os efeitos desta realidade deixarão de produzir impactos no processo. Por outro lado, agravando a condução da ciência por caminhos tão incertos, as exigências para atingir índices de produtividade, no cálculo dos quais o número de publicações tem papel preponderante, instituições de ensino, especialmente programas

Correspondência:

VERA ELIZABETH CLOSS
Travessa Coronel Antônio Carneiro Pinto 165/501
90460-020 Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: veraec@terra.com.br



de pós-graduação, têm se deparado com a Escolha de Sofia: não produzir ciência pela falta de recursos e sofrer as consequências ou produzir *papers* para atender às exigências? Qualidade ou quantidade?

A comunicação científica está diretamente associada ao número de pesquisadores atuantes, ao volume de recursos disponíveis para tanto, à capacidade destes cientistas produzirem ciência e, finalmente, ao acesso às revistas científicas encarregadas da publicação e divulgação do produto da investigação.

Na escolha do periódico científico que poderá desenvolver esta tarefa, pesquisadores avaliam a adequação do mesmo ao teor da mensagem a ser transmitida e ao público que desejam alcançar. Além disso, dirigem a escolha para periódicos que possam dar maior visibilidade ao seu trabalho, que é a estação final de destino de uma investigação científica. Buscam periódicos indexados em bases de dados, que já passaram por processo seletivo que confere valor técnico, que os diferencia dos não indexados. Apoiam-se, também, em indicadores científicos desenvolvidos a partir de informações contidas em bancos de dados como Scopus® e outros, para avaliar e analisar domínios científicos.

Consideram, também, que programas de pós-graduação aos quais estão vinculados têm sua produção avaliada a partir do Qualis das revistas nas quais publicam. Indicador este que é determinado a partir do fator de impacto, de acordo com o número médio de citações. Sistemas de avaliação e informação são sempre muito bem-vindos. Entretanto, obviamente, periódicos indexados e bem avaliados são concorridos e elevam seus critérios para seleção dos artigos que serão aceitos. Em outra situação, periódicos oferecem *open access*, passando a cobrar valores elevados pela publicação dos trabalhos.

A par desta realidade, pesquisadores desejam depositar o resultado de seu trabalho em periódicos indexados, de alto impacto e de Qualis elevado. Assim, temos um processo antagônico instalado. Quando sem recursos, pesquisadores têm dificuldade de produzir ciência de ponta para que seus resultados possam ser aceitos em revistas de primeira linha, ou de pagar valores elevados para que seu trabalho tenha visibilidade. Recorrem, então, a revistas de menor impacto e de acesso restrito. Nestas revistas, os artigos terão pouca visibilidade e serão pouco citados. Esta decisão determinará uma menor avaliação do programa ao qual o pesquisador está vinculado.

Não são foco dos pesquisadores revistas com baixo fator de impacto e não indexadas. Estes periódicos, por sua vez, precisam publicar bons artigos, que sejam citados, aumentando assim seus indicadores, mas não recebem artigos para compor suas edições e, assim, veem diminuídas as chances de alcançarem seus objetivos.

Com isto, perde a ciência, perdem os indivíduos, perde a sociedade.

Vera Elizabeth Closs

Nutricionista. Doutora em Gerontologia Biomédica pelo Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS.

REFERÊNCIAS

1. Houaiss A, Villar MS, Franco FMM. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
2. Pereira MG. Artigos científicos: como redigir, publicar e avaliar. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
3. Vickery BC. Scientific communication in history. London: The Scarecrow Press, 2000.
4. Garvey WD. Communication: the essence of science. USA: Pergamon Press, 1979.